

A Quiromante De Wall Street – Continuação II

Eu já tinha feito meus planos para voltar a Miami.

Seis meses.

Tempo suficiente para descansar, aperfeiçoar meu espanhol e estudar de perto as mulheres cubanas.

Elas sempre tinham sido minha presa favorita.

Entrei num supermercado, e o destino chegou antes do carrinho.

Uma mulher apareceu na minha frente.

Cubana.

Reconheci-a na hora. Ela me reconheceu. Ficou me encarando por alguns segundos. Depois disse:

“Que diabos você está fazendo aqui?”

“Fazendo compras.”

“Não. Quero dizer, na Terra. Você não deveria estar no inferno essa altura?”

Elogiei o inglês dela. Impecável. As melhores mulheres sempre conseguem ser duas pessoas ao mesmo tempo: doces quando querem informação, implacáveis assim que a conseguem.

Ela perguntou como eu estava. Como andava minha saúde. Como ainda estava vivo. Onde estava minha esposa. E, acima de tudo: “Como você conseguiu continuar jovem e vencer o próprio diabo?”

Disse que tinha um ônibus para pegar. Essa parte era verdade. Não disse para onde. Me despedi e desapareci.

. . .

De volta em casa, adormeci na hora.

No sonho, vi alguém subindo as escadas da minha casa na Itália. Eu o conhecia. Ou talvez não. Então percebi. Era ele. O indiano de Cincinnati. Aquele da nota de dólar assinada.

Ele chegou ao último degrau. Me abraçou. Sorriu com aquele aplomo britânico que alguns indianos usam melhor do que os próprios britânicos jamais conseguiram. Depois olhou para mim, sério.

“Frega, por favor — onde fica o banheiro?”

Acordei assustado. Fui procurar a porta do banheiro. Então percebi que ainda estava dentro do sonho.

Me virei. A poltrona vermelha estava ocupada. Ele de novo. O fantasma de Boston. Rindo.

“Eu sabia que você não estava com medo. Você é um homem com colhões.”

Depois apontou para alguém ao lado dele. “Olha quem eu trouxe.”

. . .

Uma mulher alta. Elegante. Americana. Uns quarenta anos. A postura de uma executiva. O olhar de quem assina os documentos que encerram a vida de outras pessoas.

Ela estendeu a mão. “Copyright Office. Washington D.C.”

Balancei a cabeça. “Que baita promoção. Como você foi parar aqui?”

“Recebi um e-mail seu.”

“E depois?”

“Eu li.”

“E depois?”

“Meu coração não aguentou.”

O fantasma caiu na gargalhada. Eu não.

“Sinto muito.”

“Não sinta.”

“Não, sério.”

“Não, sério — eu também.”

. . .

Ela se sentou. Estudou a sala. Me estudou. Depois disse:

“Você é o homem que eu esperei a vida inteira.”

“Parece um sistema complicado para conhecer alguém.”

“Foi o melhor que consegui encontrar.”

“Não. Confia em mim. Não foi o melhor.”

Ela ficou quieta por um momento. Então fiz a única pergunta que importava.

“Antes do Copyright Office — onde você trabalhava?”

“Uma multinacional americana. Detergentes.”

“Como era?”

“Para bater as metas, você tem que morrer.”

“Como assim?”

“Literalmente. Eles te fazem trabalhar até estourar.”

. . .

Fiquei em silêncio. Depois sorri.

“Sinto muito, querida.”

“Por quê?”

“Você escolheu a dimensão errada.”

“Como assim?”

“Na vida, é sempre — só sempre — uma questão de estilo.”

Apontei para a janela. A Terra ainda estava lá fora. Confusa. Barulhenta. Cheia de problemas.

“Eu escuto todo mundo.”

“Até fantasmas?”

“Principalmente eles.”

“Então por que você não vem com a gente?”

“Porque ainda tenho algo para terminar aqui embaixo.”

O fantasma de Boston assentiu. A executiva baixou os olhos. Parecia desapontada.

. . .

Levantei. Fui até a porta. Depois me virei.

“A propósito —”

“O quê?”

“Eu também trabalho com detergentes, por acaso.”

“E daí?”

“Mas eu não espero ninguém morrer para bater minhas metas.”

O fantasma uivou de rir. Ela sorriu — pela primeira vez.

Quando abri os olhos de novo, estava sozinho. Ninguém mais na sala. Nenhum fantasma. Nenhuma executiva. Nenhum indiano procurando banheiro.

Só a poltrona vermelha. Ainda me observando. Como se já soubesse quem viria na noite seguinte.

Ferdinando Frega

Ferdinando Frega — gillettenarrative.com